



UMA DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE AS INTERPRETAÇÕES DO MITO FUNDADOR DA UMBANDA

José Henrique Motta de Oliveira¹

IE/UFRRJ

<http://lattes.cnpq.br/8964971573370614>

Resumo: A manifestação do caboclo das Sete Encruzilhadas no médium Zélio de Moraes, ocorrida numa sessão da Federação Espírita de Niterói, no dia 15 de novembro de 1908, é considerado pelos umbandistas como marco fundador dessa religião. O evento, entretanto, está envolvido por uma aura que entremeia realidade e fantasia. Este artigo oferece outro olhar sobre o mito fundador da umbanda e privilegia o valor simbólico que adquiriu para os atuais adeptos da religião. As teorias de Pierre Bourdieu sobre o funcionamento do campo religioso, linguagem e poder simbólico auxiliaram na tarefa de justificar o ostracismo vivido por Zélio de Moraes sem que isso invalide seu protagonismo dentro do meio religioso. Nossa hipótese é que o que estava em jogo naquele momento não era identificar quem fora o precursor da umbanda, mas legitimar suas práticas a fim de minimizar a perseguição policial e o preconceito da sociedade.

Palavras-Chaves: Umbanda; Mito Fundador; Zélio de Moraes

¹ Professor substituto do Departamento de Teoria e Planejamento da Educação, no Instituto de Educação da Universidade Federal do Rural do Rio de Janeiro.

Abstract: The manifestation of the caboclo Sete Encruzilhadas in medium Zélio de Moraes, occurred in a session of the Spirite Federation of Niterói, on November 15, 1908, is considered as a landmark by umbandistas founder of this religion. This event, however, is surrounded by an aura that interweaves reality and fantasy. This article offers another look at the founding myth of Umbanda. Our analysis will privilege the symbolic value that the event acquired for current adherents of that religion. Pierre Bourdieu's theories about the functioning of the religious, language and symbolic power assist in the task of justifying the ostracism experienced by Zélio de Moraes without this invalidates his role within the religious environment. Our hypothesis is that what was at stake at that time was not to identify who was the pioneer of Umbanda, but legitimize their practices in order to minimize police harassment and prejudice of society.

Key Words: Umbanda; Myth Founder; Zélio de Moraes

Introdução

A manifestação de espíritos de negros e de índios ocorria espontaneamente nos rituais da macumba desde meados do século XIX. Longe de ser um culto organizado, a macumba era um agregado de elementos da cabula banto, do culto aos orixás jeje-nagô, das tradições indígenas e do catolicismo popular, sem o suporte de uma doutrina capaz de integrar as diversas partes que lhe davam forma. É desse conjunto heterogêneo, acrescida de indivíduos egressos do kardecismo, que nascerá uma nova religião: a umbanda.

Mas qual a origem da umbanda? O umbandista Matta e Silva (1996:33-34), nas primeiras páginas do livro "Umbanda de Todos Nós" (1996:33-34), apresenta uma revisão bibliográfica de algumas obras de Nina Rodrigues, João do Rio e Manuel Querino nas quais não encontra qualquer registro ao termo umbanda. A mesma ausência será observada nas obras de Donald Pierson, "Branços e Negros na Bahia" (1945); Roger Bastide, "Imagens do Nordeste Místico" (1945); e Gilberto Freire, "Estudos Afro-brasileiros" (1934).

Somente em Artur Ramos, no livro "O Negro Brasileiro" (1934), que Matta e Silva encontrará o primeiro registro aos termos umbanda e embanda designado chefe do terreiro ou, simplesmente, sacerdote, mas nunca como modalidade religiosa (1996:33-34). As referências de Artur Ramos para o significado da palavra umbanda remetem ao folclorista estadunidense Heli Chatelain, "*Folk Tales of Angola*" (1894), no qual o termo deriva do quimbundo *mbanda*, significando arte de curar por meio de medicina natural ou da medicina sobrenatural ². Ao recorrer à obra de Edison Carneiro, "Religiões Negras" (1936), o umbandista encontrou a mesma informação contida em Artur Ramos e o registro de um cântico: "Ké ké min ké umbanda/ Todo mundo min ké/umbanda" (1987:36), o qual Edison Carneiro afirma ter obtido em visita a um "candomblé de caboclo". Entretanto, Matta e Silva (1996:36) estranha que o autor, no livro "Candomblés da Bahia", tanto na edição de 1948 quanto na edição revisada e ampliada publicada em 1954, não faça qualquer referência aos termos encontrados na década de 1930 (1987:36).

Em publicação posterior, "Umbanda e o Poder da mediunidade", Matta e Silva (1987:13) afirma que o termo umbanda, como bandeira religiosa, não aparece antes de 1904. Entretanto, o umbandista comenta que, em 1935, conhecera um médium com 61 anos, de nome de Nicanor, que praticava a umbanda desde os 16 anos – ou seja, desde 1890 –, incorporando o caboclo Cobra

² Cf. CHATELAIN. *Folk Tales of Angola*. Apud. MATTA E SILVA. **Op. Cit**; p. 65.

Coral³. Outro autor umbandista, Diamantino Trindade, reproduziu no livro "Umbanda e Sua História" parte de uma entrevista do jornalista Leal de Souza – publicada no Jornal de Umbanda, em Outubro de 1952 – na qual afirmava que o "precursor da Linha Branca fora o caboclo Curuguçu, que trabalhou até o advento do caboclo das Sete Encruzilhadas" (TRINDADE, 1991:56).

O termo umbanda será elevado à categoria de religião⁴ quando o caboclo das Sete Encruzilhadas, manifestado no médium Zélio de Moraes, no dia 15 de novembro de 1908, anuncia numa sessão kardecista o início de uma nova prática religiosa. Misto de lenda e de realidade, a "anunciação da umbanda"⁵ sofre algumas variações na narrativa, mas a estrutura básica se mantém inalterada. Zélio de Moraes, aos 17 anos, começou apresentar alguns distúrbios os quais a família acreditou que fossem de ordem mental e encaminhou o rapaz para um hospital psiquiátrico. Dias depois, não encontrando os sintomas que ele apresentava em nenhuma literatura médica, foi sugerido à família que fosse levado a igreja para um ritual de exorcismo. O padre, por sua vez, não obteve qualquer resultado satisfatório. Por último, Zélio foi tratado por uma benzedeira, muito famosa na região onde morava, que lhe diagnosticou o dom da mediunidade e recomendou-lhe que "trabalhasse para a caridade".

Por sugestão de um amigo de seu pai, Zélio foi levado a Federação Espírita de Niterói. Essa visita ocorreu no feriado de 15 de novembro de 1908, quando se comemora a Proclamação da República. Ao chegar à federação, o rapaz foi convidado pelo dirigente daquela instituição a participar da sessão. Logo em seguida, contrariando as normas do culto, Zélio levantou-se dizendo que ali faltava uma flor. Foi ao jardim, apanhou uma rosa branca e colocou-a no centro da mesa. A atitude do rapaz provocou uma estranha confusão no local: ele incorporou um espírito e, simultaneamente, em diversos médiuns manifestaram-se espíritos índios e pretos. Advertido pelo dirigente do trabalho, a entidade incorporada no rapaz perguntou por que era proibida a presença daqueles espíritos. Outro médium, que tinha o dom da vidência, quis saber da entidade o porquê dela falar daquele modo, pois via que era o espírito de um padre⁶ e lhe perguntou o nome. A resposta foi:

³ Idem, ibidem, p. 14.

⁴ Defino religião como um constructo, posto que é o resultado de uma operação cultural realizada pelo homem para reviver a experiência do sagrado. Para atingir este fim, cria uma complexa rede de conexões: organiza e esquematiza mitos, rituais, invocações, preces, e sacrifícios. Constrói templos e imagens, manipula objetos, elabora símbolos. E, ainda, estabelece normas morais e condutas sociais.

⁵ Tomo emprestado aqui o significado de "anunciação" a semelhança do que ocorreu na passagem bíblica quando o Anjo Gabriel apareceu a Virgem Maria para anunciar a vinda do messias.

⁶ Mais tarde, se identificará como sendo o espírito do jesuíta Gabriel Malagrida, que atuou como missionário na região nordeste do Brasil e acabou condenado a morte pela inquisição portuguesa.

*se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho, para dar início a um culto em que estes pretos e índios poderão dar sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome que seja Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim*⁷.

No dia seguinte, no bairro de Neves – município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro –, estavam presentes à casa do médium diversos membros da Federação Espírita, parentes, amigos, vizinhos e do lado de fora uma multidão de desconhecidos. Às 20 horas, o caboclo se manifestou no corpo de Zélio de Moraes e disse que naquele momento iniciava-se um novo culto, no qual os espíritos de africanos e de índios poderiam trabalhar em benefício de seus irmãos encarnados e disse, também, que a nova religião se chamaria umbanda. O grupo criado pelo caboclo das Sete Encruzilhadas recebeu o nome de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, porque “assim como Maria acolhe em seus braços o Filho, a Tenda acolheria aos que a ela recorrerem nas horas de aflição”⁸.

Interpretação clássica do mito de origem da umbanda

Para um grupo significativo de umbandistas, a data daquela manifestação assumiu o caráter de marco fundador⁹ da religião: um divisor de águas entre a macumba e a umbanda. A primeira, era compreendida na época como “baixo-espiritismo”, cuja prática nem sempre estaria direcionada para objetivos mais dignos. Já o “espiritismo de umbanda” teria como princípio o amor ao próximo e a prática da caridade. Entretanto, a antropóloga estadunidense Diana Brown¹⁰ indica o aparecimento da umbanda apenas na década de 1920 e aponta Zélio de Moraes e seus seguidores como egressos do espiritismo.

Zélio de Moraes, que no relato da sua doença, da posterior cura, e da revelação de sua missão especial para fundar uma nova religião chamada Umbanda fornece aquilo que considero um mito de origem da Umbanda. Não posso estar totalmente certa de que Zélio foi o

⁷ Os grifos em itálico são meus a fim de iluminar parte do falar do caboclo na qual anuncia, para o dia seguinte, o início de uma nova prática religiosa. Cf. TRINDADE. **Op. Cit.**; p. 60.

⁸ Idem. Ibidem, p. 62. A Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade encontra-se ainda em atividade no município de Cachoeira de Macacu, região serrana do Rio de Janeiro. Atualmente, é dirigida por Lygia Cunha, neta do médium Zélio de Moraes.

⁹ Para Marilena Chauí o termo fundação evoca um momento passado imaginário, visto como instante de origem, que se mantém vivo e presente no curso do tempo. Cf. CHAUÍ. **Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2006; p. 10.

¹⁰ BROWN, Diana. *Uma história da Umbanda no Rio*. In: **Umbanda e Política**. Cadernos do ISER, N. 18, RJ, Marco Zero-ISER, 1985, p. 9-42.

fundador da Umbanda, ou mesmo que a Umbanda tenha tido um único fundador, muito embora o centro de Zélio e aqueles fundados por seus companheiros tenham sido os primeiros que encontrei em todo o Brasil que se identificavam conscientemente como praticantes de Umbanda (...).

Muitos integrantes deste grupo de fundadores eram, como Zélio, kardecistas insatisfeitos, que empreenderam visitas a diversos centros de "macumba" localizados nas favelas dos arredores do Rio de Janeiro e de Niterói¹¹.

De fato, não se pode ter certeza de que Zélio de Moraes tenha efetivamente fundado a umbanda. Principalmente porque alguns dados referentes a aquele evento não puderam ser confirmados, havendo inclusive várias divergências entre as informações contidas no mito da "anunciação". A narrativa faz referência à participação de Zélio na mesa kardecista atendendo ao convite do presidente da Federação Espírita de Niterói, José de Souza. Entretanto, consultando o Livro de Atas nº. 1 desta instituição, constata-se que o cargo era ocupado por Eugênio Olímpio de Souza. Não encontramos o nome da pessoa que teria autorizado Zélio de Moraes a tomar lugar à mesa entre os membros da diretoria, como também não fora localizado na relação dos associados até aquele momento. Tampouco consta no referido livro de atas à realização de reunião naquela data.

Yeda Hungria, Diretora de Divulgação do Instituto Espírita Bezerra de Menezes, informou que, a federação não dispunha de sede própria. Ocupou até meados da década de 1910 uma sala na Rua da Conceição nº 33, no Centro de Niterói, então capital do antigo estado do Rio de Janeiro, dividindo o espaço com o Grupo Espírita Santo Agostinho. Não haveria, portanto, condições do rapaz buscar rapidamente uma flor para enfeitar a mesa. A narrativa menciona que o médium levantou-se da mesa dizendo que ali faltava uma flor e que teria ido buscá-la no jardim. Podemos inferir, assim, que aquela reunião teria ocorrido em uma casa com jardim florido, o qual despertara a atenção de Zélio ao entrar no imóvel. Logo, se o fato aconteceu realmente como foi descrito, não ocorrera no endereço da federação, mas talvez em algum centro espírita filiado a esta, cujo nome se perdera ao longo das repetições dessa tradição oral¹².

Apesar de Diana Brown indicar o início das práticas umbandistas em meados da década de 1920, o umbandista Leal de Souza, em artigo publicado no livro "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" (1933:78), afirma que o

¹¹ BROWN. **Op. Cit.**; p. 10-11.

¹² Segundo Yeda Hungria, a instituição realizava sessões espíritas em suas dependências, mas estas reuniões não geravam atas. Logo, não há como afirmar se houve sessão naquele dia. Quanto ao registro de distúrbio provocado pela manifestação de espíritos indesejados, não haveria também motivo para ser realizado, pois a manifestação desses espíritos, considerados como obsessores, e a consequente doutrinação é prática corriqueira no kardecismo.

caboclo das Sete Encruzilhadas “baixava” há 23 anos em uma casa pobre nos arredores de Niterói. Isto é, pelo menos, desde 1910. A década de 1920 ficou marcada pelo movimento de expansão do número de tendas criadas por recomendação do caboclo das Sete Encruzilhadas e que eram filiadas a Tenda Nossa Senhora da Piedade. Ao todo, foram criadas sete tendas, até mesmo os responsáveis pela direção dos novos templos foram indicados pelo guia. Assim, temos: Tenda Nossa Senhora da Guia, com Durval de Souza; Tenda Nossa Senhora da Conceição, com Leal de Souza; Tenda Santa Bárbara, com João Aguiar; Tenda São Pedro, com José Meireles; Tenda Oxalá, com Paulo Lavois; Tenda São Jorge, com João Severino Ramos; e Tenda São Jerônimo, com José Álvares Pessoa¹³. Além destas, muitas outras foram criadas por orientação do caboclo das Sete Encruzilhadas em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Pará¹⁴.

Com relação à proximidade de Zélio de Moraes com o kardecismo, além do fato do caboclo ter se manifestado em uma sessão espírita, poderia ser justificado pelo costume do patriarca da família, Joaquim Ferdinando Costa, de realizar encontros para a leitura das obras de Allan Kardec. Ubiratan Machado (1997:224) sublinha que, na virada do século XIX para o XX, era comum a realização de reuniões para estudar o espiritismo sem que isso representasse uma conversão, muitos reafirmavam que continuavam católicos. Zilméia de Moraes Cunha, filha do médium e carinhosamente chamada de Mãe Zilméia no meio umbandista, garante que seu pai nunca fora kardecista. Pelo contrário, a família era tradicionalmente católica. Ela destaca, contudo, que após a manifestação do caboclo das Sete Encruzilhadas, muitos kardecistas passaram a frequentar assiduamente o grupo formado por seu pai, vindo alguns deles ingressarem no corpo mediúnico da casa. Diamantino Trindade reforça a hipótese de proximidade de Zélio com o catolicismo, tanto na presença de muitas imagens de santos no altar da Tenda Nossa Senhora da Piedade, quanto no hábito de homenagear santos católicos ao nomear os templos filiados à casa matriz¹⁵.

¹³ Não há registros confiáveis sobre as datas de fundação de todas as tendas, sabe-se apenas que a primeira foi inaugurada em 1918 e a última em 1935, ou seja, Zélio de Moraes levou 17 anos para cumprir a determinação da entidade responsável pelos trabalhos.

¹⁴ TRINDADE. **Op. Cit.**, p. 69.

¹⁵ TRINDADE. **Op. Cit.**, p. 68.

Análise comparativa da "anunciação" da umbanda

A pergunta que se faz neste momento é qual a relevância de se identificar quem, quando ou como a umbanda começou a ser praticada? Penso que a resposta esteja no valor simbólico atribuído pelos atuais adeptos à manifestação do caboclo das Sete Encruzilhadas na pessoa de Zélio de Moraes. Os símbolos são, para Pierre Bourdieu (2010:10), instrumentos para a integração social, possibilitando o consenso acerca do sentido do mundo social e contribuindo para mantê-lo em ordem. A força do mito da "anunciação" pode ser observado no calendário litúrgico da religião, no qual o dia 15 de Novembro¹⁶ aparece ao lado das tradicionais datas alusivas aos orixás. Nesse dia, os templos realizam sessão festiva e rendem homenagens tanto ao guia quanto ao médium. É possível encontrar em alguns terreiros até a fotografia de Zélio ocupando lugar de destaque no congá ao lado de imagens de santos e de orixás. Além disso, a data passou integrar o calendário oficial do país em 2012, quando a presidenta da República, Dilma Rousseff, sancionou a Lei Federal 12.644¹⁷, instituindo o Dia Nacional da Umbanda.

Mesmo sendo um "mito de origem", a manifestação do caboclo das Sete Encruzilhadas adquiriu para os fiéis, guardando-se as devidas proporções, um valor simbólico comparável ao Natal para os cristãos. Como explica Marilena Chauí, o mito de origem é marcado pelo modo como "põe a transcendência e a imanência do momento fundador: a fundação aparece como emanando da sociedade e, simultaneamente, como engendrando essa própria sociedade da qual emana"¹⁸. E que, por isso mesmo, o mito oferece um repertório de representações da realidade os quais podem ser reorganizados, do ponto de vista de sua hierarquia interna, de acordo com o momento histórico, bem como ter o seu sentido ampliado por novos elementos a fim de permitir que o mito se repita indefinidamente¹⁹.

Emerson Giumbelli (2003:189), por sua vez, compreende o mito fundador da umbanda, centrado na figura de Zélio de Moraes e na manifestação do caboclo das Sete Encruzilhadas, como uma construção tardia, que se inicia contemporaneamente à morte do médium (1975) e que corresponderia a um período de dispersão doutrinária e ritual e de uma divisão institucional. Apesar de

¹⁶ Artur César Isaia chama atenção para a coincidência da data de fundação da umbanda com a Proclamação da República: "a relação entre a história recente do Brasil e o surgimento da umbanda é constante na obra dos intelectuais umbandistas da primeira metade do século, que assumem um caráter claramente evolucionista". Cf. ISAIA. Ordenar Progredindo: A Obra dos Intelectuais de Umbanda na Brasil da Primeira Metade do Século XX. In: **Anos 90**. Porto Alegre, nº 11, julho de 1999; p. 104.

¹⁷ Cf. BRASIL. Lei Ordinária 12.644/2012. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12644.htm>.

¹⁸ CHAUI. **Op. Cit.**; p. 10.

¹⁹ Idem. Ibidem; p.11.

Eric Hobsbawn (2008:9) lembrar que muitas tradições que parecem antigas são, na verdade, invenções recentes a fim de imprimir valores e continuidade em relação ao passado. Penso que a construção de um mito fundador apresentaria resultados duvidosos enquanto estratégia de aglutinação das lideranças umbandistas em torno de uma hierarquização da religião. O maior risco seria desaguar numa espécie de "papado". Primeiro, porque Zélio de Moraes deixara herdeiros e, segundo, pela admissão tácita da primazia da Tenda Nossa Senhora da Piedade sobre os demais templos, fazendo dela o modelo de doutrinário a ser seguido. Essa situação, proporcionaria uma zona de desconforto com outros templos que não compartilhassem da mesma ritualística, que poderiam ser compreendido como heréticos mediante a ortodoxia do modelo de umbanda praticado na Piedade, contribuindo para agravar a dispersão doutrinária e a divisão institucional.

Para se ter uma ideia da dimensão que esse problema poderia alcançar, analisaremos a opinião de Mãe Zilméia sobre o uso do atabaque e outros elementos no ritual de umbanda. Em entrevista publicada na Revista Espiritual de Umbanda, ela foi enfática ao afirmar que "nada disso era utilizado. Faço o que aprendi com Pai Antônio e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque todos os terreiros que tenho frequentado nem parecem terreiro do Caboclo das Sete Encruzilhadas, fazem coisas esquisitas"²⁰.

A comparação com o modelo ideal de ritual praticado na Piedade foi imediata: *"nem parece terreiro do Caboclo das Sete Encruzilhadas"*. A desaprovação veio em seguida: *"fazem coisas esquisitas"*. Mãe Zilméia fala com a autoridade de quem aprendeu tudo sobre a religião diretamente com os guias que assistiam seu pai: o caboclo das Sete Encruzilhadas e o preto-velho Pai Antônio. Mas, como explica Pierre Bourdieu (1996:91), a opinião de Mãe Zilméia somente ganhará relevância se for reconhecido como legítimo o direito dela ser porta-voz da religião. A representatividade de Zilméia começa a ser construída a partir do momento em que, ao lado da irmã Zélia, assumiu a condução da tenda matriz em 1963. A sucessão na direção do grupo ocorreu porque Zélio de Moraes decidira fixar residência no interior do Rio de Janeiro. Antes disso acontecer, a Tenda Nossa Senhora da Piedade fora reconhecida publicamente como o primeiro templo de umbanda, quando o presidente da União Espiritista de Umbanda do Brasil (UEUB) concedeu em 1954 o "diploma de filiada número um"²¹. No mesmo ano, Zélio Moraes fora nomeado "inspetor" da federação com a obrigação de supervisionar as

²⁰ **Revista Espiritual de Umbanda**. Nº 3. São Paulo: Escala, 2006. p. 6.

²¹ **Jornal de Umbanda**, Dezembro de 1954. Apud GIUMBELLI. **Op. Cit.**; p. 193.

atividades dos templos filiados²². A notoriedade de Mãe Zilméia pode ser percebida nas paginas da Revista Espiritual de Umbanda, onde é "sempre apontada como continuadora das tradições e dos rituais da umbanda fundada pelo pai"²³. Aliás, o mito da "anunciação", Zélio de Moraes, a tenda matriz e a própria Zilméia, foram tema de matéria jornalística em 14 das 20 edições desse periódico, publicados entre 2003 e 2008, período que compreende o lançamento da revista e a comemoração do centenário de fundação da religião²⁴.

A divergência entre os rituais admitidos como sendo de umbanda e o modelo ideal praticado na Piedade torna-se ainda mais evidentes quando estamos diante do ritual realizado pela UEUB. A instituição apresenta-se como "Casa Mãter da Umbanda", criada em 1939 com o nome de Federação Espírita de Umbanda, atendendo às orientações diretas do caboclo das Sete Encruzilhadas²⁵. Em 2006, assisti a sessão comemorativa dos 98 anos de fundação da religião promovida pela UEUB. O culto fora conduzido pelo presidente da instituição, Pedro Miranda, que acumulava também o mesmo cargo na Tenda São Jorge, uma das sete casas criadas pelo caboclo das Sete Encruzilhadas. O ritual transcorreu ao som de atabaques e os médiuns paramentavam-se, depois que incorporavam os caboclos, como se fossem indígenas vestidos para a guerra: utilizavam cocares com penas coloridas na cabeça e arco e flecha nas mãos. O que mais nos chamou atenção naquela homenagem ao aniversário de fundação da umbanda foi o fato do ritual conter os elementos qualificados como "*coisas esquisitas*" pela filha de Zélio de Moraes. Que, por isso mesmo, "*nem parecem terreiros do Caboclo das Sete Encruzilhadas*". No meu entender, a divergência entre as práticas umbandistas realizadas por Mãe Zilméia e aquelas realizadas na UEUB – que busca legitimidade no fato de também ter sido criada por iniciativa do guia que se manifestara em Zélio de Moraes – é um forte indício de que a construção de um mito fundador para a umbanda seria mais problemático do que uma solução para a dispersão doutrinária.

Outra questão a se considerar era o fato de que a união dos umbandistas entorno de um órgão regulador da religião sempre foi circunstancial e estava mais restrita aos aspectos legais da prática religiosa do que aos aspectos doutrinários.

²² Jornal de Umbanda, Fevereiro de 1954. Apud Idem. Ibidem.

²³ PINHEIRO, André de Oliveira. **Revista Espiritual de Umbanda: Mito Fundador, Tradição e Tensões no Campo Umbandista**. Dissertação. Florianópolis (SC): UFSC, 2009; p. 42.

²⁴ Cf. Idem. Ibidem; p. 40.

²⁵ A interseção do caboclo das Sete Encruzilhadas para a criação da primeira federação umbandista consta no site oficial da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade <<http://www.tendaespiritanspiedade.com.br/>>, acesso em 22/09/2013, às 10h40min; e no blog mantido pela União Espiritista de Umbanda do Brasil <<http://ueub.blogspot.com.br/>>, acesso em 22/09/2013, às 15h.

Haja vista o excessivo número de federações, confederações, uniões e conselhos disputando a preferência dos umbandistas para negociar com o Estado o fim da repressão policial às casas de culto²⁶. Para Patrícia Birman, as tentativas de avançar na direção de hierarquizar a umbanda como uma "igreja", com fronteiras institucionais bem definidas, privilegiavam as questões de ordem social e política²⁷. Para resolver a fraqueza das federações enquanto estruturas de poder sobre o conjunto de terreiros, Patrícia Birman lembra que três delas tentaram negociar durante as eleições de 1982, com políticos de diferentes partidos, a criação do Conselho Nacional dos Cultos Afro-brasileiros, o qual ficaria vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, e teria plenos poderes para disciplinar a religião²⁸.

"Juntando as fronteiras legais com as fronteiras religiosas, as federações poderiam se estabelecer como instâncias, no plano religioso, que teria a delegação do Estado para exercer o controle sobre as dimensões religiosas e sociais dos terreiros"²⁹.

No que diz respeito às questões doutrinárias e rituais, desde a realização do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941)³⁰, as relações sempre foram tensas entre o grupo que defendia o rompimento da umbanda com as práticas mais africanizadas e aqueles que delas não abriam mão. Ao tentar normatizar o culto, a fim de minimizar as perseguições policiais, a federação acabou classificando como heréticos aqueles que fugissem à ortodoxia por ela fixada. Em resposta, o umbandista Tancredo da Silva Pinto dizia que achava graça quando ouvia os "líderes da Umbanda Branca" dizendo que a religião sofre influência das tradições africanas. Para ele "a Umbanda é africana, é um patrimônio da raça negra"³¹. Tancredo da Silva Pinto, inclusive, rompeu com a FEU e fundou a Congregação Espírita de Umbanda do Brasil (CEUB), na década de 1950.

²⁶ Cf. BIRMAN, Patrícia. Registrado em cartório, com firma reconhecida: a mediação política das Federações de Umbanda. **Umbanda e Política**. Rio de Janeiro: ISER, n. 18, 1985; p. 81.

²⁷ Idem. Ibidem; p. 91.

²⁸ Id. Ibid.; p. 94.

²⁹ Id. Ibid.; p. 93.

³⁰ O primeiro congresso de umbanda, realizado no Rio de Janeiro, foi promovido pela Federação Espírita de Umbanda com a finalidade unificar a culto a partir de uma doutrina mínima, pautada em dogmas cristãos e kardecistas. Cf. OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das Macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira**. Limeira (SP): Conhecimento, 2008; p. 22.

³¹ FREITAS, Byron Torres de; e PINTO, Tancredo da Silva. **Fundamentos de Umbanda**. Rio de Janeiro: Souza, 1957, p. 58.

Zélio de Moraes e a umbanda

Emerson Giumbelli continua a análise do mito fundador discorrendo, primeiro, sobre vasta bibliografia etnográfica na qual Zélio de Moraes e o caboclo das Sete Encruzilhadas não aparecem antes da década de 1970, quando vieram a público as pesquisas de Diana Brown e de Renato Ortiz³². Depois, volta-se para várias obras umbandistas e para o *Jornal de Umbanda*, nos quais o nome do médium, quando citado, ocorre de modo discreto. O autor conclui que as referências a Zélio de Moraes, principalmente aquelas que circulavam no meio umbandista, apenas reconheciam a antiguidade dos vínculos dele com a umbanda, contudo jamais chegaram ao ponto de alçá-lo à posição de fundador da religião³³.

Mas do que isso, insinuam uma subordinação de Zélio ora à sua condição de médium (como tanto outros na umbanda), ora à sua condição de intermediário de uma entidade espiritual (que, diga-se, não lhe devia exclusividade). Sendo assim, compreende-se por que mesmo os textos que tratam das origens ou da história da umbanda, ou do Caboclo das Sete Encruzilhadas, no *jornal da UEUB* no final da década de 1950 não se sentem obrigados a mencionar o nome de Zélio³⁴.

Entretanto, na edição de outubro de 1952 do *Jornal de Umbanda*, o jornalista e umbandista Leal de Souza relatou que coubera ao caboclo das Sete Encruzilhadas a incumbência de organizar a “Linha Branca de Umbanda”, seguindo as determinações dos “guias superiores” que regem o planeta³⁵.

Quando se apresentou pela primeira vez, em 15 de novembro de 1908, para iniciar sua missão, mostrou-se como um velho de longa barba branca; vestia uma túnica alvejante, que tinha em letras luminosas a palavra Caridade. Depois, por longos anos, assumiu o aspecto de um caboclo vigoroso; hoje é uma claridade azul no ambiente das Tendas³⁶.

Na mesma entrevista, Leal de Souza fez referência a Pai Antônio, um preto-velho, que se manifestou no mesmo dia em que fora fundada a Piedade. “Pai Antônio, o principal auxiliar do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e que baixa no mesmo aparelho, Zélio de Moraes, e que eu já vi discutir medicina com doutores. É

³² GIUMBELLI. **Op. Cit.**; p. 191.

³³ Idem. *Ibidem*; p. 194.

³⁴ Id. *Ibid.*

³⁵ *Jornal de Umbanda*, Outubro de 1952. Apud TRINDADE. **Op. Cit.**; p. 56.

³⁶ SOUZA. Apud Idem. *Ibidem*.

o espírito mais poderoso do meu conhecimento"³⁷. Admito, contudo, que o espaço ocupado pela entrevista de Leal de Souza é pequeno diante do conjunto editorial do Jornal de Umbanda. Assim, recorro mais uma vez a Pierre Bourdieu, agora, para me auxiliar na tarefa de compreender o ostracismo vivido por Zélio de Moraes no meio umbandista. Parto do princípio de que as publicações estudadas por Emerson Giumbelli foram produzidas num período em que a prioridade dos intelectuais-sacerdotes era racionalizar as práticas e as representações umbandistas como parte de uma estratégia de legitimação social e política.

Segundo Pierre Bourdieu (2004:37), somente um corpo sacerdotal hierocraticamente organizado teria condições de promover a racionalização de uma religião de modo que ela evoluísse na direção de um campo religioso autônomo. O trabalho de exegese imposto aos intelectuais da umbanda passaria, portanto, pela administração do conflito entre tradições mítico-rituais e os interesses dos grupos sacerdotais, cujo resultado visa substituir a "sistematicidade objetiva das mitologias pela coerência intencional das teologias"³⁸. Desse modo, Pierre Bourdieu compreende que "a autonomia do campo religioso afirma-se na tendência dos especialistas fecharem-se na referência autárquica ao saber religioso já acumulado"³⁹ destinado, a princípio, aos próprios produtores.

No momento em que Zélio de Moraes fosse elevado à condição de fundador da umbanda pelos intelectuais-sacerdotes, o monopólio do poder sistematizador da nova religião se deslocaria da estrutura hierocrática – centrada na instituição religiosa (UEUB) e na capacidade dela legitimar a ação sistematizadora dos próprios intelectuais-sacerdotes – para o médium. Ele deixaria de ser compreendido como um dos pioneiros da religião – ao lado de tantos outros de sua época – para ser investido na condição de profeta: aquele sem o qual não haveria a religião. A investidura, para Pierre Bourdieu, é um ato mágico que consagra e santifica uma diferença social, fazendo-a conhecida e reconhecida pelo agente investido e pelos demais⁴⁰. Zélio de Moraes passaria, assim, a dispor de "capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso"⁴¹. O reconhecimento do protagonismo de Zélio de Moraes na umbanda poderia inviabilizar o projeto de hierarquização da religião, como uma "igreja", iniciado em 1939 com a criação da primeira federação.

³⁷ Id. Ibid.; p. 57.

³⁸ Idem. Ibidem; p. 38.

³⁹ Id. Ibid.

⁴⁰ BOURDIEU. 1996; p. 99.

⁴¹ BOURDIEU. 2004; p. 57.

A argumentação acima não explica, contudo, a submissão do médium à autoridade da federação na condução dos interesses da religião. Penso que o caminho para uma resposta esteja no entendimento de que Zélio de Moraes não se sentia submisso à federação, mas às determinações do guia que lhe assistia. Ainda mais porque, segundo a lenda que envolve essa entidade, após a criação das sete tendas filiadas a Piedade em meados da década de 1930, o caboclo teria determinado a criação de uma federação para congregar os umbanditas⁴². Sua subordinação não seria ao poder temporal da UEUB, mas à esfera espiritual da qual o caboclo das Sete Encruzilhadas era porta-voz.

Zélio de Moraes não encarnaria, portanto, o modelo de profeta que disputa com a "igreja" o monopólio do capital religioso. Ao contrário, ele endossava a organização de um aparelho burocrático que fosse capaz de negociar com o Estado e a sociedade a inserção da umbanda no campo religioso nacional. Como explica Pierre Bourdieu, "o reconhecimento da legitimidade do monopólio eclesiástico (e da hierarquia que o garante)"⁴³, abre espaço para que o profeta seja anexado a estrutura de poder⁴⁴. No caso da federação, essa "anexação" traduziu-se em pequenas homenagens concedidas ainda em vida pelos serviços prestados à religião, como nomeá-lo para o posto de "inspetor", reconhecer a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade como o primeiro templo de umbanda, ou conferindo ao médium o título de "decano dos Babalaôs da União"⁴⁵. A partir do momento que a direção da Piedade foi transferida para as filhas e ele parte para um "exílio" voluntário na Região Serrana do Rio de Janeiro, vindo a falecer alguns anos depois, abre-se espaço para as lideranças umbandistas reconhecerem a manifestação do caboclo das Sete Encruzilhadas como fundadora da religião e o protagonismo de Zélio de Moraes naquele evento.

Considerações finais

Não quero aqui defender a tese de que as práticas umbandistas não existiam antes da "anunciação" da umbanda pelo caboclo das Sete Encruzilhadas. Pelo contrário, reconheço que a manifestação de espíritos de indígenas e africanos já ocorria a algum tempo nos rituais da macumba e nas sessões do espiritismo popular. O que procurei enfatizar neste artigo foi que a manifestação daquela entidade marcou o rompimento entre aquilo que era compreendido como "baixo-espiritismo"

⁴² Cf. Nota 37.

⁴³ BOURDIEU. **Op. Cit.**; p. 62.

⁴⁴ Idem. *Ibidem*.

⁴⁵ Cf. GIUMBELLI. **Op. Cit.**; p. 193-194.

com o que se convencionou chamar de “Espiritismo de Umbanda” na obra dos intelectuais da nova religião. Para mim, a divisão é clara: o que havia antes era um culto heterogêneo, praticado por segmentos subalternos da sociedade. O que passou a existir depois foi uma religião que se apropriou da filosofia kardecista e de dogmas cristãos, sendo professada por elementos de uma classe média em ascensão. Nesta perspectiva, Zélio de Moraes e o caboclo das Sete Encruzilhadas adquiriram papel de relevância na trajetória da religião. Foi a partir da ação deste, dentre outros pioneiros, que se intensificou a busca pela legitimação da umbanda, minimizando-se assim a ação da Delegacia de Tóxicos e Mistificações sobre os terreiros e a intolerância religiosa dos segmentos conservadores da sociedade.

Ao longo do processo de reconhecimento da umbanda enquanto uma religião, foi atribuído a União Espiritista de Umbanda do Brasil a dupla função: (1) de porta-voz dos interesses dos adeptos junto aos órgãos públicos; (2) e de órgão normatizador das práticas umbandistas. Estou convicto de que os interesses coletivos sobrepujaram aos interesses particulares, não cabendo, portanto, uma figura messiânica para a umbanda. Penso que Zélio de Moraes estava ciente de seu lugar na religião e, por isso mesmo, não pleiteava altos postos na administração daquela instituição a qual ajudou a criar. Não quero dizer que ele fosse uma pessoa abnegada e altruísta ao ponto de não ser atraída pelo brilho da notoriedade, mas a humildade foi sua maior virtude. Talvez tenha se espelhado no exemplo do caboclo das Sete Encruzilhadas que se apresentava dizendo: “sou apenas um caboclo brasileiro”.

Bibliografia

- BIRMAN, Patrícia. Registrado em cartório, com firma reconhecida: a mediação política das Federações de Umbanda. **Umbanda e Política**. Rio de Janeiro: ISER, n. 18, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 5ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as Origens da Umbanda no Rio de Janeiro.
- SILVA, Vagner Gonçalves (Org). In: *Caminhos da Alma*. São Paulo: Selo Negro, 2003.
- HOBBSAWN, Eric; e RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. 6 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- MACHADO, Ubiratan. *Os Intelectuais e o Espiritismo*. Niterói: Lachâtre, 1997.
- MATTA E SILVA. *Umbanda de Todos Nós*. 9ª ed. São Paulo: Ícone, 1996.
- MATTA E SILVA. *Umbanda e o Poder da Mediunidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1987.
- OLIVEIRA, José Henrique Motta de. *Das Macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira*. Limeira (SP): Conhecimento, 2008.
- TRINDADE, Diamantino F. *Umbanda e Sua História*. São Paulo, Ícone, 1991.
- SOUZA, Leal. *O Espiritismo, Magia e as Sete Linhas de Umbanda*. Rio de Janeiro: [s.n], 1933.